

AS REPRODUÇÕES E RUPTURAS DAS MASCULINIDADES: Um Estudo de Caso Através do Relato de Homens-Pais

Fernanda Sena Fernandes - PPGCS/UFSM - nandasefernandes@gmail.com

Profª Drª Janáina Xavier Nascimento - UFSM- janainaxn@gmail.com

ST1 - “Meninos Vestem Azul”: A Permanência da Importância dos Estudos da(s)
Masculinidade(s) Para as Ciências Sociais

Resumo: Este trabalho é parte de pesquisa realizada na monografia intitulada “ ‘A gente tem esse direito’: A licença paternidade brasileira na perspectiva dos pais”, defendida em fevereiro de 2021. Parte deste estudo analisou, através de entrevistas semi-estruturadas com 11 homens de diversas regiões do país, a complexidade na construção de uma identidade masculina por parte destes sujeitos de pesquisa. A partir de seus relatos, analisa-se a existência de espectros normativos que perpassam as diversas formas de masculinidades, embora haja diversas expressões do “ser homem”, demonstrando que a sobreposição de outros aspectos, como raça, classe, sexualidade, regionalidades e capital cultural redesenham a maneira como estes sujeitos constituem a si mesmos. Para tal, utiliza-se de teóricos como Connell, Badinter, Bourdieu e Oliveira, que jogam luz sobre os relatos demonstrando a profundidade sociológica do tema. Conclui-se que está em curso uma transformação nos padrões vigentes do que é “ser homem”, daí emergindo indícios de novas masculinidades, menos rígidas e mais abertas a novas representações, que abarcam os afetos e a sensibilidade.

Palavras Chave: Gênero. Masculinidades. Paternidade.

Abstract: This study is part of the research conducted in the monograph entitled “ ‘A gente tem esse direito’: A licença paternidade brasileira na perspectiva dos pais”, defended in February, 2021. Through semi-structured interviews with 11 men from various regions of the country, this study analysed the complexity in the construction of a masculine identity by the research subjects. From their narratives, the existence of normative patterns which pervades the many forms of masculinity are analysed, although there are diverse expressions of “to be a man”, showing that the superposition of other aspects, such as race, class, sexuality, regionalities and cultural capital redraw the way in which these subjects constitute themselves. To this end we draw on theorists such as Connell, Badinter, Bourdieu and Oliveira, which shed light on the narratives, demonstrating the sociological depth of the theme. It is concluded that a transformation in the current patterns of what it is “to be a man” is in course, and, from this, evidences of new masculinities emerge. Less rigid and more open to new representations, these masculinities embrace affections and sensibility.

Key-Words: Gender. Masculinities. Paternity.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte do do estudo intitulado “*A gente tem esse direito*”: *A Licença paternidade brasileira na perspectiva dos pais*, monografia apresentada pelo curso de Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria. Esta pesquisa desenvolveu-se durante o ano de 2020, e tinha como objetivo compreender as relações de gênero no âmbito dos cuidados, analisar a formação de uma identidade masculina e

consequentemente uma identidade paterna, assim como entender de que forma esta paternidade é percebida por estes homens, assim como suas masculinidades, e qual a articulação entre este entendimento subjetivo e a estrutura social que os cerca, especialmente representada pelo Estado brasileiro.

Hoje, no Brasil, o tempo de licença paternidade varia de 5 a 20 dias, a depender do segmento no qual este pai trabalha, tendo funcionários públicos federais e empregados de empresas cadastradas no programa Empresa Cidadã direito à extensão de 20 dias. Em alguns estados do país, os funcionários públicos podem, inclusive, ter uma extensão de tempo maior, variando muito de acordo com legislações locais. Enquanto isso, as mulheres adquiriram, após muitas lutas dos movimentos feministas e de mulheres, o direito irrevogável aos 120 dias de licença maternidade, com possibilidade de extensão para 180 dias, através dos mesmos mecanismos. Ainda que esta conquista tenha sido um marco importante em relação à proteção da maternidade no âmbito trabalhista, há, por parte do estado brasileiro, uma institucionalização da divisão sexual do trabalho ao não igualar o tempo de licença de pais e mães, supondo que mulheres devem ser as responsáveis pelos trabalhos de cuidado e os homens pelos trabalhos produtivos, que geram valor.

É neste contexto que vemos a promoção de um modelo específico de paternidade, vinculado à capacidade de provimentos da família por estes homens, o que está intimamente ligado a uma construção de modelos normativos de masculinidade. O problema desta pesquisa parte justamente desta questão: teriam os homens, com as mudanças culturais provocadas pelas discussões cada vez mais públicas dos movimentos feministas e de mulheres, mudado sua percepção sobre suas paternidades? E de que forma o Estado brasileiro contempla ou não estas mudanças?

Como desdobramento deste problema de pesquisa mais geral, diante das entrevistas feitas com o estudo qualitativo, pôde-se observar que a percepção sobre a paternidade invariavelmente recai, também, sobre uma auto reflexão sobre formas de performance de diversas masculinidades. Este trabalho apresenta estas análises, feitas através da fala dos entrevistados, que forneceram rico material sobre o tema. Assim, após apresentar a metodologia utilizada nesta pesquisa, discutiremos, a partir das falas destes homens, sobre a complexidade da construção de uma identidade masculina, concluindo que este processo é multifacetado, permeado não apenas por questões de gênero, mas também de raça, classe, sexualidade, regionalidade, etc, que compõe uma teia de subjetividades onde não é possível existir uma masculinidade hegemônica, mas sim diversas expressões desta, que, no entanto, mantém em seu cerne padrões normativos do que se espera de um “homem”.

METODOLOGIA

Os métodos e técnicas de pesquisa nem sempre são escolhas óbvias ou mesmo fáceis de serem feitas. A partir da elaboração do problema de pesquisa, para decidir-se em relação ao método é necessário que se pense no que pode ser executado ou não, de que forma e sobretudo com quem. Esta pesquisa, como muitas outras, caracterizou-se por tentativas e erros, que possibilitaram não apenas experiências importantes sobre o fazer sociológico, como também o entendimento de que muitas vezes o caminho da pesquisa se encontra entre este aprendizado.

Partindo do problema de pesquisa, o primeiro contato com o universo pesquisado - homens pais - deu-se através de um survey online, realizado pela ferramenta Google Formulário. Este survey, composto por 15 perguntas abertas e fechadas, tinha como intuito explorar alguns pontos sobre a percepção da paternidade, de modo que fornecesse elementos iniciais para pensar os próximos passos da pesquisa. Este survey foi disseminado em grupos variados da rede social facebook, tais como “bobos no futebol”, “Bolsistas CAPES”, “Pai de menina”, “Método Montessori”, etc. Obteve-se, durante os dois períodos de coleta de dados, 103 respostas, das quais uma solicitava contato dos interessados em participar de uma possível segunda fase da pesquisa, tendo 13 homens manifestado interesse.

Com estes dados em mãos, foi possível perceber a limitação do método survey para determinadas questões. Não era possível, através desta técnica, a elementos mais profundos a respeito de determinadas respostas dadas pelos respondentes, como a relação que tinham com seus filhos, a rotina que tinham com eles e a forma como se viam enquanto pais - e consequentemente como homens. Com esta percepção, intensificou-se o entendimento que para isto era necessário outro método qualitativo, onde se pudesse alcançar estas subjetividades. Desta forma, optou-se pela entrevista semi-estruturada, que caracteriza-se como uma interlocução entre entrevistado e entrevistador, onde o entrevistado pode discorrer sobre os temas postos pelo entrevistador de forma livre, através de um exercício de reflexão do sujeito sobre si mesmo e sobre sua percepção da realidade (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016).

O próximo passo, após a construção do roteiro de entrevistas, era a inserção de campo, tendo como primeiro objetivo o contato com possíveis entrevistados. A partir da lista de emails obtida com o survey, enviou-se a proposta de pesquisa e o convite que, no entanto, foi respondido por apenas 4 destes homens, sendo que um deles cessou contato após algumas trocas de email. A amostra era então muito pequena para que a pesquisa pudesse ter material

suficiente de análise, o que acabou mostrando-se um empecilho. A solução ocorreu de forma inusitada: um dos entrevistados, Francisco¹, forneceu contato de alguns conhecidos que poderiam se interessar pelo tema, da mesma forma que Paulo, outro dos nomes contatados através da lista de emails. Assim, de forma intuitiva, adotou-se a técnica “bola-de-neve”, onde um informante indica outro, formando redes entre entrevistador e entrevistados, a partir da delimitação do grupo que se pretende pesquisar (COSTA, 2018, p. 19).

Deste modo, chegou-se a 11 entrevistados, com idades entre 28 e 52 anos, provindo de vários estados do país, todos com Ensino Superior, sendo 9 destes pós-graduados ou pós-graduandos, além de seis, dos onze, terem ganhos médios acima de 10 salários mínimos. É, portanto, um grupo de classe média alta, com níveis de escolaridade altos e acumulação de capital cultural, tendo, muitos deles, contato com as discussões e teorias feministas. Esta característica comum à maioria dos entrevistados é uma das consequências e limitações da adoção de técnica bola-de-neve, onde as indicações se deram dentro do próprio grupo social dos informantes. Devido à pandemia de COVID-19, as entrevistas foram realizadas por chamadas de vídeo em plataformas como Skype, Google Meet e Discord, o que por um lado pode ter limitado certas interações entre pesquisadora e entrevistados, mas por outro possibilitou o vislumbre de elementos regionais interessantes neste processo de construção de uma identidade masculina e paterna.

AS REPRODUÇÕES E RUPTURAS DAS MASCULINIDADES

As masculinidades são produções sociais modeladas a partir de narrativas que constroem um arcabouço de práticas, posturas, regras e moralidades do que se espera de um “homem”. Não são, no entanto, homogêneas: antes disso, são atravessadas por outros fatores que sobrepostos, produzem diversas expressões do que é ser homem. Contudo, é válido dizermos que em seu cerne, existem padrões estáveis que correspondem às expectativas sociais em relação à virilidade. Desta forma, a definição de gênero “é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurantismo de certas semelhanças” (BOURDIEU, 2012, p. 23)

Estas diferenças são marcadas, sobretudo, pelas dicotomias força/fragilidade, liderança/submissão e racionalidade/sentimentalismo, colocando o homem como sujeito universal e dono do espaço público de forma incontestável, agindo dessa forma como uma

¹ Nome fictício, escolhido pelo próprio entrevistado.

construção do mundo social de forma sexuada, onde o sujeito neutro é o masculino, e tudo que dele se difere torna-se o “outro” (*ibidem*, p. 18). Este outro inclui não apenas as mulheres, mas também os sujeitos masculinos que não correspondam aos padrões solicitados que se encaixem na norma viril, tais como homossexuais, bissexuais e homens afeminados² de forma geral.

As sanções impostas aos homens que não performam certos graus de virilidade, variam conforme o tamanho do desvio, do tempo e do lugar: podem se dar através de exclusões por determinados grupos, passando por violências psicológicas e até mesmo físicas. A certeza de sofrer estas penas acaba garantindo aos homens conflitos intensos entre a performance exigida e sua própria expressão de si mesmo. Isso, no entanto, não significa que os homens sejam vítimas de um sistema patriarcal tal qual as mulheres, como os estudos dos homens iniciados nos anos 1970 apontavam (LYRA; MEDRADO, 2008; CONNELL, 2003). Esta tese, apontada por Oliveira (2004, p. 146) como “discurso vitimário”, prega uma falsa simetria que erroneamente coloca os homens em uma posição de opressão pelo patriarcado, quando são os próprios os operadores desta estrutura, onde eles mesmos se beneficiam dos privilégios gerados. Assim, ocorre, nesta tese, uma “negligência em relação aos aspectos socioestruturais que resultam em diferenças junto aos processos de subjetivação dos agentes” (*ibidem*, p. 147).

No entanto, mesmo que não possamos dizer que os homens estejam na posição de vítimas do patriarcado, também não é correto afirmar que dele só se beneficiem. Embora estejam em posição de privilégio e gozando dos mesmos, de acordo com outras sobreposições sociais, terão mais ou menos acesso a estes. Assim, não é possível dizer que as masculinidades são vividas da mesma forma, com as mesmas prerrogativas e com o mesmo grau de sofrimento frente ao conflito entre a exigência do padrão de virilidade e de expressões que se destoam desta, sem considerar fatores como conformidade de gênero³, raça, classe, região e capital cultural.

² Importante pontuar que o termo "afeminado" aqui utilizado nada tem de pejorativo: utiliza-se de forma a subverter a lógica que imprime caráter negativo a comportamentos que se creem femininos. Essa ressignificação do termo, vem sendo debatida especialmente por trabalhos no campo das sexualidades, que veem esta mudança como forma de representação de “quais condutas devem ser mais valorizadas do que outras” (SANTIAGO et al. 2017, p. 159)

³ Aqui refere-se às diferenças entre cisgeneridade e transgeneridade, considerando-se que nesta última ocorre um “processo de transição entre locais na ordem de gênero” (CONNELL, 2016, p. 224) que marginaliza este sujeito. Assim, devemos levar em consideração que um homem trans pode ser branco, de classe alta, com acumulação de capital cultural, de regiões metropolitanas, e ainda assim não ter o mesmo acesso aos privilégios masculinos que um homem cisgênero de mesmo perfil.

Faustino (2014, p. 80) aponta que nos escritos de Fanon e Lacan, denuncia-se a construção de um sujeito supermasculino, especialmente ligado ao homem negro. Este supermasculino é caracterizado pela sua superdotação corporal, que lhe atribuem maior força, resistência, brutalidade, construindo, desta forma, uma narrativa sobre as masculinidades negras onde a norma viril é potencializada, criando um estereótipo que serviu muito bem ao sistema colonizador, do negro selvagem e violento. Este paradigma é uma das demonstrações de que os sistemas de masculinidades apesar de perpassados por ideias centrais de performance das masculinidades, não ocorrem de forma homogênea, nem oferecem acesso aos privilégios da masculinidade de maneira igual à todos os homens, especialmente quando há entre eles diferenciações tais como raça e classe.

Da mesma forma que as narrativas sobre o “ser homem” apesar de conterem em si mesmas padrões de virilidade a serem seguidos, não se constituem de forma similar, as rupturas em relação a este padrão também não o são. O entendimento destes homens a respeito das reproduções ao qual estão submetidos possibilitam, também, reflexões sobre suas próprias masculinidades e algumas vezes, a elaboração de estratégias de rompimento com este arquétipo social.

Esta reflexão, no entanto, nem sempre ocorre de forma espontânea nem mesmo é de fácil elaboração. Um dos entrevistados, João⁴, 40 anos, é um homem de fala tranquila, sorriso fácil, que enfatiza as palavras que julga serem centrais na sua linha de raciocínio. Ao ser perguntado sobre como se vê enquanto homem, responde:

Olha, eu sou uma pessoa que obviamente a gente tem uma carga né, de masculinidade construída socialmente, que vem da família, vem da sociedade que a gente é criado, então eu percebo assim, na minha própria dinâmica de vida que algumas coisas a gente traz essa carga do que é o papel do homem, e tenho assim tentado lapidar um outro “ser homem” né, que nem sempre é tão simples quanto falar. Então eu participo das atividades domésticas, em geral, e obviamente tem algumas questões, alguns espaços que na sociedade ainda são reservados pra homens né, como a gente falou antes dos meus hobbies, por exemplo, o meu andar de bicicleta ou até às vezes corrida eu não faço... eu faço geralmente com grupos de homens,

⁴ Nome fictício escolhido pelo entrevistado

então mais ou menos passa por aí assim, o futebol... genericamente é por aí

A fala de João evidencia que apenas a reflexão não é o suficiente para as mudanças empíricas dos comportamentos sociais. Por mais que no ambiente privado divida as tarefas domésticas e que tenha consciência do papel social masculino como algo estrutural, João também admite sua dificuldade diante das mudanças comportamentais, percebendo que em seus momentos de lazer os espaços de atividade física ainda são estritamente masculinos. Isto pode ter dois sentidos: 1) a ideia socialmente construída sobre a predileção dos homens pelos esportes, especialmente os que exigem maior grau de força e velocidade, o que acaba fazendo com que os pratiquem com seus pares; 2) um sentido mais amplo, onde os espaços de lazer masculinos são voltados ao âmbito público, coletivo, sempre entre seus pares.

A respeito da questão corporal, Connell e Pearse (2015, p. 93) apontam que os argumentos sociobiológicos que afirmam as diferenças entre gêneros no campo social como produto da constituição biológica, ignoram que a corporalidade é também efeito das construções socialmente elaboradas sobre os gêneros. Assim, quando desde a tenra infância um menino é induzido a gostar de futebol, a brincar de luta, a competir com seus colegas, esta socialização está preparando seu corpo para um determinado fim que nada tem de inato. Ou seja, ainda que haja propriedades biológicas na construção do corpo masculino, os fatores sociais “também precedem o corpo formando as condições onde este se desenvolve e vive” (*ibidem*)

Já a questão do lazer, é fortemente ligada à construção que se deu especialmente a partir do século XIX⁵ onde aos homens cabiam os espaços públicos, o poder da palavra, as decisões, e às mulheres o espaço privado, os cuidados, a vida íntima. O espaço público relegado ao homem, não era, desta forma, incorporado somente através do dever e do trabalho, mas também da diversão. Prova disso são as inúmeras agremiações, times de futebol e clubes de cavalheiros que pululavam pelos grandes centros urbanos e, com o passar do tempo, até mesmo as vilas mais afastadas. O Esporte manifesta-se assim, como uma importante arena da construção da masculinidade, não apenas pela questão da corporeidade, mas também pelo seu sentido social, onde através dos jogos manifestam-se atributos exigidos

⁵ Ainda que se observe desde a antiguidade a existência desta separação entre espaço público e privado, a exemplo da ágora ateniense, onde as mulheres eram excluídas dos debates públicos, destaca-se que a ordem de gênero vigente é produto de fenômenos históricos da modernidade, como já apontado, e que conferem uma nova dinâmica nas relações entre homens e mulheres, com novos significados.

da performance viril, como “a coragem, a determinação e o estoicismo” (GASTALDO; BRAGA, 2011, p. 886).

Os símbolos da virilidade associados à força, nem sempre são atributos que constituem uma masculinidade. Quando isso não ocorre, a tendência é que este homem se encontre em um conflito interno consigo mesmo, dado o fato de que não corresponde à determinação social imposta. É o que narra Carlos, 37 anos, de modos gentis, voz calma e pausada, quando conta o momento em que percebeu que não se encaixava no modelo esperado do que é ser homem:

Já me questionei muito em relação à masculinidade né, por não ser um, assim, por me questionar mesmo, minha afetividade, do que eu gosto, e daí quando isso passava por rodas de conversa com os amigos na adolescência e tal, tipo, nossa, ter que se questionar isso, se não tem certeza se é ou não é e agora eu entendo que a masculinidade passa por isso, se questionar se gosta ou não gosta, não tive experiências práticas de relações homoafetivas e tal, mas me questionei [...] às vezes eu me questiono né, em rodas de amigos ou de familiares, ‘será que eu sou esse padrão de homem que está na sociedade?

É a mesma questão trazida por Fidélis, 38 anos, um carioca nato com seus modos descontraídos, ao contar que é questionado sobre sua sexualidade, mesmo que ele próprio nunca tenha se questionado a respeito:

eu vejo a minha masculinidade como uma coisa assim... que não bate com o que é hegemônico. Eu me vejo assim né... porque você me perguntando “mas vem cá, você é gay?” não, não sou gay, “o que que houve? você é esquisito no trato com a esposa e tal” [*esta relação com a companheira, que os amigos de Fidélis destacam, é comentada por ele em outro trecho, onde afirma que além de serem adeptos de uma relação não-monogâmica, há uma divisão nas tarefas domésticas e nas questões financeiras, o que, segundo ele, não é bem quisto*], tão sempre me questionando... então eu me vejo assim, como estranho

A dúvida de Carlos sobre si mesmo e a dos outros sobre Fidélis, ilustram os conflitos masculinos resultantes de processos de sexualização, onde a heterossexualidade não é dada de forma natural, mas moldada de acordo com normas sociais, o que produz diversos conflitos internos e de caráter violento. Connell (2003, p. 23-25) nos traz a contribuição de Freud neste aspecto, para quem a masculinidade não se constitui em caráter puro, mas sim em um conjunto de camadas de emoções complexas em si próprias e que se contradizem, o que acaba criando espectros de uma identidade masculina e não algo propriamente sólido e coeso.

Assim, a heterossexualidade é um processo construído socialmente, no que Badinter (1993, p. 99) chama de “prova negativa da masculinidade”, ou seja, um processo de negação, de rejeição ao que não é permitido dentro das normas viris. Desde muito cedo os meninos são encorajados a rejeitar o que é feminino, ao mesmo tempo que são estimulados a uma sexualização precoce, através de comentários de familiares, de propagandas na televisão, de narrativas em desenhos animados, onde a heterossexualidade é dada como natural, e a homossexualidade corresponde a um desvio, sempre associado à feminilidade.

Podemos então compreender que não sendo natural e sim uma construção social, a heterossexualidade pode ser questionada, como de fato o é para muitos homens, mas isso nem sempre significa de fato uma reflexão sobre a sexualidade em si, mas sim sobre os signos que determinam quem é o homem heterossexual. Quando atributos como força, liderança, hombridade não fazem parte da personalidade de um homem, seu questionamento sobre sua própria identidade ocorre como uma forma de disruptura do modelo tradicional dado, e passar pelo questionamento da própria sexualidade parece ser uma das formas em que este rompimento ocorre.

Para Paulo, 28 anos, extrovertido e que fala gesticulando rapidamente com um largo sorriso no rosto, nunca houve um questionamento sobre sua sexualidade, mas ocorreu um processo de mudança na sua percepção de si mesmo:

depois que eu me separei, que eu comecei a desconstruir tudo aquilo que eu tinha, então até o início da minha separação, por exemplo, eu era aquele padrãozinho, trabalha, eu tenho meus negócios, eu tenho que ser o provedor, eu preciso ser o cara que vai sustentar a família e vai manter todo mundo, e eu sou macho e tudo isso. E depois da separação, depois que eu comecei a perceber que eu tava replicando

todas as minhas gerações, eu comecei a desconstruir algumas coisas.[...] eu sou hétero, eu só não sou aquele macho alfa. Eu sou um cara super tranquilo, eu não sou bruto pra relacionamento, pra relações, como a maioria dos homens, até eu sofro algumas críticas, alguns preconceitos por ser hétero mas ser um pouco afeminado, por exemplo, de gostar de ler, eu faço crochê

É facilmente percebida na fala de Paulo a dualidade colocada. Admite que tentou encaixar-se nos atributos tradicionalmente atrelados ao masculino, especialmente através do signo do homem provedor, ainda que depois tenha percebido que estava reproduzindo concepções sociais que não eram propriamente características de sua personalidade, deixando-se expressar sua masculinidade, que denomina de afeminada, sem que isso, no entanto, lhe provoque qualquer questionamento sobre sua sexualidade.

Há dois elementos destacáveis neste relato. Em primeiro lugar, a associação ao feminino de tudo que se oponha ao que é designado como viril: a sensibilidade em oposição à brutalidade, o trabalho manual que exige habilidade em contraste ao que requer força. A fala de Paulo, neste sentido, demonstra como a dicotomia entre feminino e masculino é atribuída, ainda que inconscientemente, aos tipos de comportamentos. Em segundo lugar, Paulo nos traz uma associação íntima entre masculinidade e trabalho, proporcional à capacidade de provimento. Este símbolo da masculinidade também não é dado de forma natural, como pode supor-se, e é facilmente detectável na história o momento em que surge, nas sociedades capitalistas. Weber (1994, p. 33) destaca que dentro do sistema capitalista nascente, a capacidade de ganho não se relaciona mais à necessidade, mas sim à virtude, constituindo, desta forma, uma “ética social”. Aprofundaremos este aspecto nos capítulos seguintes.

Outra questão destacada por alguns entrevistados, é o quanto estes símbolos de virilidade impostos dificultam suas expressões emocionais. Paco, 40 anos, um exímio contador de histórias, relata um momento significativo em relação à sua percepção desta imposição social:

é engraçado essa coisa do, do... de se pensar como homem e como essas estruturas acabam nos moldando, sem que nós percebamos, há uns três... coisa de uns três, dois anos atrás, eu confesso que foi em função de um programa de televisão que eu me dei conta disso, que por mais que eu amasse meu pai eu nunca tinha dito pra ele que eu o

amava. Então assim: “eu te amo!”, e olha que eu sou uma pessoa com os meus amigos, etc, inclusive com meu pai também, de abraçar, nunca tive esse problema do.. que é muito comum no contato entre homens, assim, faz parte, as pessoas não se abraçam e tal, eu sempre fui de abraçar e tal, eu nunca tive problema com isso, mas eu me dei conta de que eu nunca tinha, nunca tinha falado pro meu pai “eu te amo”. E, e porque? A única explicação que eu encontrei foi essa, né.

A questão levantada por Paco é denominador comum nas narrativas sobre masculinidades. Ao associar o homem à força e brutalidade, automaticamente o sistema binário coloca o sentimentalismo e a fragilidade enquanto atributos femininos, nos quais o afeto através de gestos e palavras se encontram. Desta forma, a masculinidade se apresenta como conceito inerentemente relacional ao feminino, não sendo colocado como algo somente oposto ao mesmo, mas também acima deste, a ponto de ser adotado como algo universal e, portanto, não categorizado. (CONNELL, 2003, p. 104). Este regime, por muito tempo extremamente rígido a ponto de inculcar no imaginário popular a máxima que “homem não chora”, tem sido, no entanto, modificada ao longo do tempo, embora ainda prevaleça uma resistência dos homens neste sentido. Fidélis também coloca em sua fala esta contradição, afirmando que tem “aquela postura normal de homem, mas eu falo... não tenho vergonha de falar que assisto *Grey 's Anatomy*, que dá vontade de chorar, mas tem horas que eu sou bruto”.

A questão trazida por Paco e Fidélis, realça o que parece ser uma nova “crise da masculinidade”, não porque esta esteja em colapso, mas sim porque parece passar por transformações importantes através dos questionamentos dos homens sobre si mesmos. Alguns fatores podem explicar isto, como a força adquirida pelo movimento feminista nas últimas décadas, conseguindo impôr-se como debate público, gerando, desta forma, reflexões no âmbito social sobre os papéis de gênero, o que definitivamente acaba reverberando na ponderação dos homens acerca do lugar social que ocupam.

CONCLUSÃO

É possível identificar nas falas aqui transcritas, reflexões importantes sobre estas subjetividades que compõe a construção de uma identidade masculina, que nem sempre, no entanto, partem propriamente de uma autorreflexão, mas sim de processos e agentes externos, que provocam uma análise sobre as próprias reproduções de determinados comportamentos

por estes homens. Nas falas dos entrevistados desta pesquisa, este agente externo se manifesta quase de forma unânime na figura do próprio pai, causando uma intensa contemplação sobre suas masculinidades e a relação desta com sua paternidade.

As masculinidades não podem ser vistas como fenômenos homogêneos, pois constituem-se como processos complexos, de construções identitárias marcadas por outras formas de ver-se no mundo: questões de classe, raça, sexualidade, transgeneridade, regionalidades, etc. Essas complexidades mostram-se como intrincadas teias que resultam em formas diversas de "ser homem" mas que expõe, ao mesmo tempo, determinados padrões associados a uma norma viril. Há, portanto, ao mesmo tempo movimentos de reproduções e rupturas, que não se excluem mutuamente como pode querer parecer, mas que convivem mostrando que estas subjetividades permanecem e modificam-se conforme outras mudanças estruturais também ocorrem.

BIBLIOGRAFIA:

BADINTER, Elisabeth. XY: Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CONNELL, Raewyn. Masculinidades. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. Gênero: uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015

CONNELL, Raewyn. Gênero em termos reais. São Paulo: nVersos, 2016

COSTA, Barbara Regina Lopes. Bola de neve virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 7, n. 1, 2018.

FAUSTINO, Deivison. O pênis Sem o Falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In. ALTERMAN, Eva. Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 75-89.

GASTALDO, Édison Luis; BRAGA, Adriana Andrade. Corporeidade, esporte e identidade masculina. *Estudos Feministas*, p. 875-893, 2011.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. A construção social da masculinidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Editora Pioneira, 1994.